

Notas e Comentários

Cultura portuguesa e Angola

1 — INTRODUÇÃO

Substituir a cultura dum povo por outra, mesmo com meios não violentos, seria uma forma de genocídio cultural absolutamente condenável. A cultura de um povo, seja ela qual for, constitui um património da humanidade, e destruí-la representa um delito contra o próprio homem.

O comum dos mortais facilmente cai na tentação de subestimar uma cultura que, mercê dos seus atavismos ancestrais, tem feições de antiquada. Porém, quanto mais antiga for uma cultura tanto mais interesse ela reveste para o estudo e o conhecimento das nossas origens. Daqui o maior respeito que lhe é devido.

Para evitar a extinção de uma espécie animal ou vegetal, promulgam-se leis, sancionam-se penas, tomam-se as mais variadas medidas preventivas. Se a cultura dum povo não vale menos que uma espécie vegetal, porque há-de esta ser tratada com mais consideração que aquela?

A única forma aceitável para um justo encontro de culturas é o diálogo honesto que respeite os valores de cada uma delas. Foi este diálogo que o rei do Congo entabulou quando pediu ao rei de Portugal missionários, pedreiros, carpinteiros, e outros técnicos, para o ajudarem a evangelizar e promover o seu reino. Com a chegada a este de tais missionários e artistas começou o encontro da cultura portuguesa com a cultura angolana. Deve ser um caso surpreendentemente singular na história da inculturação. Esta não chegou a Angola pela violência das armas, mas pelo acordo pacífico entre os reis de ambos países. Os reis D. Afonso do Congo e o D. Manuel I de Portugal tratavam-se por irmãos.

Após 500 anos de diálogo cultural, muito embora nem sempre tenha continuado tão dignamente como começou, duas culturas irmãs se afirmaram historicamente. Hoje a sua afinidade é tal que, além de Portugal, o país mais português do mundo é Angola; e, para além de Angola, o país mais angolano do mundo é Portugal.

Tivemos ocasião de apalpar esta verdade na recente peregrinação que a Igreja de Angola fez à Igreja de Portugal, dentro das celebrações jubilares dos 500 anos de Evangelização de Angola. O calor humano e cristão do acolhimento em Portugal foi tão impressionante que um Bispo angolano exclamou, admirado: descobrimos Portugal! Sentimentos semelhantes manifestaram os membros da delegação portuguesa que retribuiu a visita a Angola na festa nacional das celebrações jubilares em Outubro de 1991.

2 — A LÍNGUA PORTUGUESA

O verdadeiro Portugal chegou a Angola não enfunado nos mastros das caravelas, mas embalado na língua de Camões e na fé de Cristo.

A língua portuguesa é hoje um facto consumado em Angola como língua oficial da Nação. Nos alvares da independência angolana, correram boatos nos quais se desenhava a pretensão de introduzir o francês em Angola. Tão estranha novidade não teve apoio, e o português tornou-se irreversível como língua deste novel país. Não podemos ignorar o contributo prestado a favor desta causa pelo primeiro Presidente da República de Angola, Dr. Agostinho Neto, com suas obras literárias. Poeta e escritor, Agostinho Neto não podia ver com bons olhos o desaparecimento da língua em cujas letras se tornara já célebre.

A unidade de qualquer nação passa de modo muito particular pela unidade da língua. Um país como Angola onde se falam várias línguas diferentes, além de muitos dialectos, sem uma língua veicular seria um arquipélago tribal sem comunicação possível entre o povo, e sem hipótese de unificação nacional. Assim se compreende o esforço envidado pelo Governo no sentido de promover o estudo e a difusão da língua portuguesa. A verdade é que nos meios de comunicação social se ouvem já locutores angolanos cuja pronúncia portuguesa em nada desmerece do mais puritano lusófono.

Falada em diversos países e continentes por quase duzentos milhões de pessoas, a língua portuguesa deu aos angolanos um instrumento de comunicação e diálogo a nível internacional. Um país africano que falasse apenas a sua língua local ou uma das suas línguas locais ficaria entregue ao isolamento cultural e não só. Em muitos simpósios, congressos e assembleias internacionais, a língua portuguesa é reconhecida como língua oficial, gozando de tradução simultânea, tal como acontece na Conferência Episcopal chamada Ibisa, que abrange os países da África Austral.

3 — A FÉ CRISTÃ

Para quem tem fé, o acaso nem por acaso acontece. Deus está presente em todos os acontecimentos da história e compraz-Se em utilizá-los, mesmo quando nos parecem inadequados, para realizar o Seu plano salvífico a respeito dos homens. Ele escolhe por vezes o que não presta aos olhos dos homens para realizar o que há de mais belo aos Seus olhos divinos.

Houve duas épocas na história as quais, apesar de todas as suas maldições humanas, se tornaram em instrumento divino para levar aos homens a luz do

Evangelho. A primeira dessas épocas foi o colonialismo romano. Graças a ele, os Apóstolos encontraram facilidades para atravessar fronteiras e levar a Boa Nova a terras estrangeiras, como Antioquia, Atenas, Roma e outras. O Evangelho partiu de uma colónia romana para as mais vastas regiões do império. Sem este colonialismo romano não era humanamente provável que o Evangelho saísse das fronteiras de Israel.

A segunda época providencial para o mesmo fim foi o colonialismo moderno, mormente o de Portugal, seguido pelo da Espanha e o da França. Se o catolicismo penetrou em toda a África negra, foi levado pelo colonialismo português e pelo francês. Se penetrou em toda a América latina, foi levado pelo colonialismo português e pelo espanhol. E teria penetrado igualmente na China, se lá tivesse chegado o mesmo colonialismo.

No fim de contas, o colonialismo nesses países terminou, mas a fé cristã não terminou. Ela está lá, e para ficar, através da Igreja definitivamente implantada. O colonialismo foi uma época degradante da História? É caso para dizer: «oh felix culpa»! São Francisco de Sales acrescentaria: o importante neste mundo é que os homens se salvem, e cheguem à pátria celeste nem que seja a cavalo no diabo.

Se foi Portugal que levou a fé cristã até Angola, também foi a fé cristã que levou até Angola Portugal. Quando uma religião penetra numa cultura acaba por ser como que a sua alma, consubstanciando o modo de pensar, agir e viver desse povo. A cultura portuguesa é inseparável da religião cristã, como a história de Portugal é inseparável da história da Igreja portuguesa.

A fé cristã tem a sua manifestação por excelência no culto, mediante os seus gestos, símbolos, ritos, e expressões verbais, que também andam unidos à cultura dum povo. Neste domínio, Angola recebeu muito da cultura portuguesa. Hoje uma inculturação mais profunda procura encarnar a fé e manifestá-la numa linguagem cultural que nasça da cultura do mesmo povo. Em Angola a Comissão pastoral de liturgia e a de cultura trabalham neste sentido.

Mesmo que mudem certas manifestações litúrgicas de origem portuguesa, uma coisa não há-de mudar: a fé cristã que Portugal transmitiu a Angola. Por consequência, entre a Igreja de Angola e a de Portugal haverá sempre a mesma relação que existe entre uma filha e sua mãe.

4 — INCULTURAÇÃO DA FÉ EM ANGOLA

A Conferência dos Bispos da África Austral esteve reunida em Matola, Moçambique, de 15 a 22 de Fevereiro próximo passado, na sua assembleia ordinária que deve ter lugar de três em três anos. Nela participaram os Bispos de oito países para tratar o tema da inculturação em ordem à preparação do próximo sínodo africano. Desta assembleia emanaram dois documentos, um para a Secretaria geral do Sínodo em Roma contendo algumas propostas da assembleia, e outro para as dioceses dos países participantes como instrumento de trabalho a nível local.

A inculturação da fé significa um trabalho difícil mas necessário para que a mesma fé se transforme em alma dum cultura. É sua tarefa prioritária discernir, eventualmente purificar, e assumir os valores de uma cultura na

vida da Igreja, de modo privilegiado na vida litúrgica. Os costumes incompatíveis com o Evangelho não podem ter lugar nesta assimilação. Mas aqueles costumes que não estiverem em contradição com o Evangelho devem ser respeitados e cristianizados pelos evangelizadores.

Desta forma os valores do Evangelho, por sua vez, são assimilados e irmanados nos valores dessa cultura, por forma a purificá-la dos seus eventuais contravalores.

O fervor com que se fala hoje sobre a inculturação talvez leve alguns ouvintes menos prevenidos a pensar que ela nunca existiu na Igreja. Admiti-lo seria uma ofensa contra o Espírito Santo que Jesus prometeu e deu à sua Igreja para a conduzir à verdade total (*Jó 16, 13*). Se o termo é novo, o seu conteúdo é muito antigo, data dos Apóstolos. E a Igreja sempre fez dele objecto das suas preocupações pastorais, embora noutros tempos não dispusesse dos mesmos recursos técnicos que hoje.

Ainda recentemente ouvi acusar a Igreja angolana de inconvertida porque não inculturada. Acusação gratuita e injusta contra os evangelizadores e contra os evangelizados. A respeito da evangelização, seria pelo menos tão errado dizer que nada esteve errado como dizer que tudo esteve errado. Um dos aspectos fundamentais da inculturação reside no estudo e no uso da língua conhecida pelos evangelizados para os evangelizar. São superabundantes os testemunhos a este respeito. Por exemplo, sobre o kikongo, língua do norte de Angola onde começou a evangelização, os missionários publicaram, segundo consta, pelo menos 12 gramáticas e dicionários, o primeiro dos quais data do século XVI. Este simples dado significa bem a importância atribuída pelos Missionários ao valor cultural da língua no processo da inculturação.

5 — INTERLOCUTORES DA CULTURA PORTUGUESA EM ANGOLA

Os interlocutores porventura mais genuínos da cultura portuguesa em Angola têm sido logicamente os Missionários Portugueses, justamente na medida em que se têm empenhado no processo da inculturação. Por meio desta eles devem discernir e respeitar os valores da cultura local, procurando vesti-los de sentido cristão. Quando a mensagem evangélica respeita e aceita os autênticos valores dum povo, facilmente é respeitada e aceita por esse mesmo povo. Da mesma forma que as pessoas, uma cultura respeita e aceita outra quando por ela se vê também respeitada e aceita.

O famigerado colono, bem ou mal, foi sempre um interlocutor da cultura portuguesa entre o povo colonizado. Característica do colono português foi geralmente o seu espírito de convivência com quaisquer pessoas de qualquer raça ou tribo. O fenómeno da miscigenação é marcadamente português. Não carece de fundamento esse humorístico ditado que diz: Deus fez o branco e o preto, mas o português fez o mestiço. De facto, enquanto pessoas de outra proveniência europeia chegaram a viver incestuosamente em África para se não juntarem com pessoas duma raça diferente, os portugueses não têm tido reparo em possuir como cônjuge uma pessoa doutra raça. Grande parte dos portugueses que ficaram em Angola após a independência, fizeram-no por

estarem ligados ou ligadas maritalmente com pessoas angolanas geralmente de cor negra.

De significado anteriormente negativo, o termo «colono» passou a ser uma credencial de valor e consideração. Chega a ser divertido ouvir diálogos como este:

- Você tem carta de condução?
- Tenho, sim, e tirada no tempo do colono!
- Você que habilitações literárias tem?
- Tenho a 4.ª classe apenas, mas feita no tempo do colono.

6 — ASPECTOS NEGATIVOS DESTE DIÁLOGO CULTURAL

O regime colonial nem sempre entendeu o que é um diálogo entre as culturas. Se a unidade da língua é um valor cultural da nação, a variedade de línguas locais constitui outro valor que é preciso respeitar, o que esteve bem longe de sempre acontecer. Na verdade, o regime colonial não prestou às línguas nativas a consideração cultural que mereciam. Os únicos portugueses que as aprendiam eram os Missionários e de quando em vez os comerciantes, embora com fins lucrativos, naturalmente. Sob o pretexto de aprenderem a falar português, as crianças da escola chegavam a ser proibidas de falar a sua língua materna, e não faltaram castigos por transgredirem esta proibição. Até na liturgia o uso da língua autóctone era vista com maus olhos pela autoridade colonial.

A distinção entre assimilados e não-assimilados se, por uma parte, podia ser um estímulo para as pessoas frequentarem a escola e se promoverem, por outra parte acabava por ser um vexame cultural para aqueles e aquelas que não tinham possibilidade de a frequentar. Por sua vez, a promoção preferencial de quadros europeus a lugares de responsabilidade não estimulava o crescimento dos valores culturais da terra. Antes, contribuía para a sua estagnação.

Teria sido mais meritória a cultura portuguesa se tivesse ajudado mais eficazmente a cultura angolana a purificar-se dos seus retrógrados contravalores, entre os quais avulta a feitiçaria. Esta velha tradição está tão profunda e negativamente arreigada na cultura angolana que se torna um gravíssimo obstáculo não somente a uma verdadeira inculturação do Evangelho mas também ao desenvolvimento integral do país.

7 — ASPECTOS POSITIVOS DESTE DIÁLOGO CULTURAL

Nem tudo foi negativo, felizmente. Valores tradicionais da sociedade angolana geralmente foram respeitados. A organização interna das comunidades rurais, chamadas sanzalas ou quimbos, conservaram a sua estrutura cultural, sendo chefiadas pelo tradicional soba ou seculo, assessorado pelo conselho dos velhos. Os assuntos internos da comunidade eram resolvidos pela autoridade indiscutível deste tribunal, em que os velhos eram considerados as bibliotecas do saber.

Se a cultura portuguesa respeitou religiosamente esta tradição cultural dos angolanos, não fizeram o mesmo os últimos quinze anos de marxismo-leninismo, que vieram a substituir o soba e o seu conselho de velhos pelo coordenador e o «comité» do partido, quase sempre jovens.

Foi um grave traumatismo cultural. Os velhos, até então considerados o oráculo do povo, sentiram-se indignados ao verem-se desautorizados e submetidos a meia dúzia de rapazes. O povo não estava mentalizado para aceitar esta mudança de autoridade. Os adolescentes, privados da autoridade dos velhos, mesmo pais, e incapazes de compreender a autoridade dos novos chefes, entraram em graves crises de obediência. A par da educação ateia, foi o maior descalabro cultural no domínio da educação e o início da libertinagem juvenil hoje bem conhecida.

Portugal e Angola ficaram ambos enriquecidos com o encontro das suas culturas. Angola saiu do seu arquipélago tribal para se erguer como nação entre as maiores do mundo, dotada com o património duma língua comum, como interlocutora internacional perante qualquer país. Portugal, por seu turno, saiu da visão estreita dum belo jardim à beira-mar plantado, para alargar o horizonte da sua visão cultural por novos espaços do mundo.

Quando cheguei a Angola, fiquei surpreendido ao saber de cafeicultores que tinham escuta permanente da bolsa de Londres para acompanharem diariamente a cotação do café. Na sua aldeia natal não sei se conheceriam a existência de Londres; mas no Uije até conheciam a existência da sua famigerada bolsa.

8 — CONCLUSÃO

O diálogo cultural entre Portugal e Angola hoje é feito em pé de igualdade entre os dois países soberanos, com o respeito assegurado pelos seus mútuos valores, tendo à sua frente um horizonte cada vez mais vasto. A afinidade cultural que une estes dois povos parece única, ao menos no espaço lusófono. Não é por acaso que os aviões entre Luanda e Lisboa andam cheios, não obstante a inflação das tarifas aéreas.

A agressão cultural vinda do Brasil através das telenovelas também começou a invadir Angola. Oxalá que o programa anunciado para Angola pela RTP possa manter uma sã fraternidade cultural entre ambos os países. A Universidade Católica Portuguesa aceitou ser madrinha da Universidade Católica Angolana. E já começou a desempenhar o seu papel com zelo e competência. Esperamos que a afilhada venha a ser um padrão memorável na história da cultura portuguesa e angolana.

Lisboa, 14 de Março de 1992.

† FRANCISCO DA MATA MOURISCA
(Bispo de Uije)

Liderança sadia e eficaz, como se conseguirá?

O título que nos foi atribuído e publicitado não me parece pertinente; e já o disse aos organizadores, explicitando as várias razões. A resposta foi de acolhimento e de que nos deixavam o direito de apresentar a temática segundo critérios pessoais. À partida digo que me orientarei preferentemente na perspectiva da *liderança como um processo*, com muitas variantes, quase tantas quantas as pessoas que a exercem, tendo em conta a própria identidade ou personalidade, com os respectivos temperamento, carácter, sensibilidade, escala de valores, além da auto-imagem assumida numa determinada antropologia, cultura, filosofia de vida e contexto social envolvente.

E desde já fica dito que se tratará de apresentar tópicos sobre dois modelos de proveniência americana:

1. Como é da nossa experiência, frequentemente verificada, a qualidade dinâmica de uma Equipa, Clube, Partido, Autarquia, País, etc., depende, em larga medida, da qualidade dos respectivos líderes que de fraca fazem forte gente, como diria o Poeta.

O líder a sério deveria ser um «profeta», aquele que por múltiplos meios, cognitivos, perceptivos ou intuitivos, vê primeiro e descobre estratégias adequadas para desencadear os processos ajustados ou adaptados a cada circunstância, a fim de conseguir os objectivos em vista, com o máximo de eficácia e o mínimo de desgaste dos participantes. Os sucessos não se improvisam; nem tão pouco devem ser conseguidos fora da perspectiva da realização integral e integrada das pessoas. E, como é intuitivo e verificado, a qualidade e contexto dos integrantes, são elementos a ter em conta, assim como a intervenção em micro, médios e macro grupos ou «massa anónima» necessita de diversos modelos ou estilos de liderança. Aqui trataremos preferentemente de Equipas pequenas e médias.

2. *O conceito de líder não é unívoco*, situa-se de preferência no domínio da analogia, baseando-se em três perspectivas fundamentais que não se devem excluir, antes se complementam, se forem ponderadamente apuradas e integradas: fundamentam-se nos *traços*, no *comportamento* e na *situação*. Cada teoria valoriza especialmente as características da personalidade, do comportamento, da dinâmica situacional, de modo especial numa das referidas perspectivas.

Parece-nos útil dedicar algum espaço a cada um destes aspectos, para que cada pessoa interessada possa tirar as suas conclusões de forma esclarecida, fundamentada e útil para a prática da vida.